



Universidade Federal de Campina Grande  
Centro de Humanidades  
Unidade Acadêmica de Administração e Contabilidade  
Coordenação de Estágio Supervisionado

**A APLICAÇÃO DOS PRINCÍPIOS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA NO  
ARTESANATO FEMININO EM MONTADAS, PARAÍBA**

**ALINE FERREIRA DOS SANTOS**

Campina Grande – 2017

**ALINE FERREIRA DOS SANTOS**

**A APLICAÇÃO DOS PRINCÍPIOS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA NO  
ARTESANATO FEMININO EM MONTADAS, PARAÍBA**

Relatório de Estágio Supervisionado apresentado ao curso em Bacharelado em Administração da Universidade Federal de Campina Grande, em cumprimento parcial das exigências para a obtenção do título de Bacharel em Administração.

Orientador: Prof.º Darcon Sousa, Dr.

Campina Grande, 2017

## COMISSÃO DE ESTÁGIO

Membros:

---

Aline Ferreira dos Santos

**Aluna**

---

Darcon Sousa, Doutor

**Professor orientador**

---

Thiago Alexandre das Neves Almeida

**Coordenador de Estágio Supervisionado**

Campina Grande, 2017

ALINE FERREIRA DOS SANTOS

A APLICAÇÃO DOS PRINCÍPIOS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA NO  
ARTESANATO FEMININO EM MONTADAS, PARAÍBA

Relatório aprovado em 29/03/17



---

Darceni Sousa, Doutor  
Orientador



---

Cláudia Gomes de Farias  
Examinadora



---

Sheyla Suzanday Barreto Siebra  
Examinadora

Campina Grande, 2017

Dedico este trabalho a meus pais e irmãos que sempre me apoiaram ao longo dessa trajetória acadêmica.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pelo dom da vida e por todas as coisas que ele me permite vivenciar e realizar. Agradeço a Ele por minha família, amigos, e por todos aqueles que apenas passaram por minha vida, mas que de alguma forma contribuíram para que me torna-se uma pessoa melhor.

Agradeço aos meus pais Vandeci e Marilene que sempre me apoiam na realização dos meus sonhos. Agradeço por todo amor, carinho e dedicação, por tudo o que me ensinaram e proporcionaram aprender, e principalmente por serem pais presentes. Agradeço por todo o esforço que fizeram para que eu pudesse estudar e concluir a graduação, sem eles não teria ido tão longe. Agradeço também aos meus irmãos Alex e Alison por sempre me apoiarem e acreditarem no meu potencial. Pelo carinho, atenção, esforço e incentivo para que eu continuasse estudando.

Agradeço a todos os familiares e amigos da família, que se alegraram comigo desde o momento da minha aprovação no ENEM. Agradeço também aos amigos que conquistei durante essa trajetória pelos níveis de ensino. No ensino fundamental meu agradecimento vai especialmente para Luciana que se tornou uma grande amiga e conselheira. No ensino médio agradeço em especial a Taís pela atenção, carinho e por me escutar e ajudar em diversas situações, a Élide Carla que foi portadora da boa notícia, pois me comunicou que eu havia sido aprovada no ENEM. No ensino superior agradeço aos amigos que conquistei na Prospect, e aos amigos que conquistei na minha turma em especial a Juliana minha amiga e companheira de todos os dias desde o começo do curso. Agradeço também a todos os que me ajudaram ao longo desse curso.

Agradeço a todos os professores que passaram pela minha jornada de estudos até o momento, em especial ao meu orientador Darcon Sousa por ter me concedido a oportunidade de participar do seu grupo de pesquisa lá no começo do curso e por sua calma e atenção na transmissão do conhecimento.

Agradeço a D. Maria José presidente da AMAM - Associação das Mulheres Artesãs de Manguape, pela amizade e por dar todo apoio durante a pesquisa de campo repassando e detalhando as informações necessárias para que essa pesquisa fosse possível. Agradeço também ao seu filho Tiago que me ajudou muito no repasse de algumas informações sobre a associação.

*“Tudo posso naquele que me fortalece”.*

***Filipenses 4,13***

SANTOS, Aline Ferreira. **A aplicação dos princípios da economia solidária no artesanato feminino em Montadas, Paraíba.** 52 f. Relatório de Estágio Supervisionado (Bacharelado em Administração) – Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, 2017.

## Resumo

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a atividade do artesanato como alternativa de renda entre as mulheres de uma associação no município de Montadas-PB sob a perspectiva da Economia Solidária. Para alcançar este objetivo, a metodologia utilizada foi de natureza qualitativa e descritiva, por meio de estudo de caso, tendo como instrumentos de coleta a observação, a entrevista semiestruturada e a pesquisa documental. Estudos feitos pela Secretária Nacional de Economia Solidária demonstram que a economia solidária pode trazer benefícios no que diz respeito ao resgate da autoestima, autonomia na produção e comercialização, geração de trabalho e renda, e promoção da integração. O empreendimento estudado não coloca em prática plenamente os princípios da economia solidária, enfrentando desafios na autogestão devido à falta de parcerias, na comercialização dos produtos artesanais devido à ausência de um ponto de venda fixo, e falta de cooperação e igualdade entre as associadas, apesar dos desafios enfrentados esse empreendimento traz benefícios para a vida das mulheres artesãs.

**Palavras-Chave:** Trabalho; Economia Solidária; Artesanato.



SANTOS, Aline Ferreira. **The application of the principles of solidary economy in women's crafts in Montadas, Paraiba.** 52 f. Report of Supervised Intemship (Bachelor of Administration) – Federal University of Campina Grande, 2017.

### Abstract

This research had objective to analyze the activity of the crafts as an alternative of income among the women of an association in the city of Mounst under the perspective of the Solidary Economy. In order to reach this objective, the methodology used was qualitative and descriptive, through a case study, having as instruments of collection, the observation, semi-structured interview and documentary research. Studies by the National Secretary for Solidarity Economy show that the solidarity economy can bring benefits in terms of the recovery of self-esteem, autonomy in production and generation of work and income, and promotion of integration. The enterprise studied does not fully implement the principles of solidarity economy, facing challenges in self-management due to the lack of partnerships, the commercialization of handicrafts due to the absence of a fixed point of sale, and lack of cooperation and equality among members, despite of the challenges faced by this enterprise brings benefits to the lives of women artisans.

**Keywords:** Work; Solidary Economy; Crafts.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Visão aérea da cidade de Montadas .....	33
Figura 2 – Visão aérea do vilarejo .....	34
Figura 3 - Técnicas artesanais utilizadas pela AMAM: bordado, pintura, crochê, reciclagem, costura, tricô .....	38
Figura 4 - Artesãs fazendo crochê no pátio da escola .....	40
Figura 5 - Exposição de produtos produzidos pela AMAM.....	41

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Principais princípios da economia solidária e seus conceitos. ....	23
Quadro 2 – Tipos de artesanatos produzidos pelas sócias. ....	39
Quadro 3 - A importância do artesanato para as sócias da AMAM .....	42
Quadro 4 - As mudanças proporcionadas pela associação na visão das artesãs.....	43

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

SENAES	Secretária Nacional de Economia Solidária
AMAM	Associação das Mulheres Artesãs de Manguape
OBESP	Observatório da Economia Social em Portugal
CNLAMCA	Comitê Nacional de Coordenação das Actividades Mutualistas, Cooperativistas e Associativas
PAB/MDIC	Programa Artesanato Brasileiro do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
COOPACNE	Cooperativas de Projetos Assistência Técnica e Capacitação do Nordeste
RAIS	Relação Anual de Informações Sociais
FAP	Fundação Assistencial da Paraíba
SICAB	Sistema de Informação Cadastrais do Artesanato Brasileiro
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
1.1. OBJETIVOS .....	16
1.1.1. Geral .....	16
1.1.2. Específicos .....	16
1.2 JUSTIFICATIVA .....	16
<b>2. DIFERENÇAS ENTRE ECONOMIA SOCIAL E ECONOMIA SOLIDÁRIA .....</b>	<b>18</b>
2.1. O ARTESANATO SOB A PERSPECTIVA DA ECONOMIA SOLIDÁRIA .....	25
<b>3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>30</b>
<b>4. ASSOCIATIVISMO, SOBREVIVÊNCIA E SOLIDARIEDADE ENTRE AS ARTESÃS DE MONTADAS.....</b>	<b>33</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>49</b>
<b>ANEXO 1 .....</b>	<b>51</b>
<b>ANEXO 2 .....</b>	<b>52</b>

**Capítulo 1**  
**INTRODUÇÃO**

## 1. INTRODUÇÃO

Com a extinção de inúmeros postos de trabalho na economia brasileira e a diminuição das perspectivas de um emprego formal, há também uma redução do ingresso de mulheres e jovens no mercado de trabalho. Essa realidade aponta para a necessidade de adoção de soluções capazes de combater a desocupação e o desemprego.

Devido ao reflexo do desenvolvimento industrial e tecnológico o artesanato foi sofrendo um declínio influenciado por diversos fatores, entre eles a substituição do homem pela máquina. Embora o artesanato tenha perdido um pouco seu destaque, ainda é uma opção de trabalho para milhares de brasileiros que na sua maioria são mulheres. Dessa forma ele é visto como uma fonte de renda quando toda a família trabalha em conjunto, ou um complemento da renda quando é feito por apenas um membro que na maioria das vezes é a mulher.

Por meio do processo de industrialização a mulher passou a ocupar postos de trabalho em vários setores da economia, dessa forma tornou-se perceptível a sua evolução no mercado de trabalho. Essa evolução teve certa influência da revolução feminina através da qual a mulher conquistou liberdade passando a exercer várias funções. Deste modo percebe-se a busca incessante da mulher por alternativas de trabalho que venha complementar a renda e manter o bem estar da família.

Neste contexto a economia solidária veio dar subsídio aos trabalhadores que se encontram afastados do mercado promovendo a inclusão social e o desenvolvimento pessoal deles tanto de forma coletiva como individual. A Secretária Nacional de Economia Solidária-SENAES, (2015) afirma que para reinserir esses trabalhadores de volta ao mercado essa economia “oferece diversos tipos de empreendimentos organizados tanto no campo como na cidade”. Os empreendimentos solidários atuam transformando as atividades informais em trabalho que gera renda, a exemplo da produção artesanal.

Neste sentido a questão central que motiva esta pesquisa está formulada da seguinte forma:

**Em que medida a atividade artesanal desenvolvida por mulheres em uma associação no município de Montadas-PB se orienta pelos princípios da Economia Solidária?**

## **1.1. OBJETIVOS**

### **1.1.1. Geral**

Analisar a atividade do artesanato como alternativa de renda entre as mulheres de uma associação no município de Montadas-PB sob a perspectiva da Economia Solidária.

### **1.1.2. Específicos**

- Identificar o contexto social das mulheres artesãs;
- Examinar o papel do artesanato na sobrevivência delas;
- Avaliar a atividade artesanal como alternativa de renda para essas mulheres;
- Verificar a aplicação dos princípios da Economia Solidária nessa atividade.

## **1.2 JUSTIFICATIVA**

Os empreendimentos solidários auxiliam as pessoas que estão afastadas do mercado de trabalho e que buscam um meio para se desenvolver economicamente e socialmente. Para melhor compreender o funcionamento desses empreendimentos o nosso alvo de estudo é a AMAM – Associação das Mulheres Artesãs de Manguape, um empreendimento solidário que se localiza em Manguape na zona rural do município de Montadas-PB, a 10 km da zona urbana desse município.

A falta de especialização para se adaptar às exigências do mercado fez com que essas mulheres se unissem para abrir uma associação com o intuito de produzir e comercializar o que elas já sabiam fazer, o artesanato. Assim como essas mulheres todos os que se encontram afastados do mercado de trabalho acabam desenvolvendo métodos criativos e eficientes para enfrentar o desemprego e sobreviver.

Nesse sentido, esta pesquisa irá contribuir para melhor explicar o funcionamento de um empreendimento solidário e mostrar até que ponto ele é norteado pelos princípios da economia solidária. Contribuirá também para melhor compreender as expectativas das mulheres em relação ao mercado de trabalho mediante o contexto em que estão inseridas.



**Capítulo 2**  
**FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

## 2. DIFERENÇAS ENTRE ECONOMIA SOCIAL E ECONOMIA SOLIDÁRIA

Conforme Caeiro (2008) a economia social passou por uma evolução histórica que do ponto de vista acadêmico distinguiu-se em cinco períodos:

- a) A gênese da economia social (1791-1848): este período foi marcado pela Revolução Francesa resultando no início do movimento associativo e primeiros passos das cooperativas. A tomada de Paris e a tentativa de criar um governo autogestionário apontaram para o fim desse período;
- b) A questão social e o movimento operário (1850-1900): o Estado volta a assumir seu papel secular e neste contexto foram se desenvolvendo os movimentos associativos operários. Este período teve a intervenção do papa Leão XII através da encíclica *Renum Novarum* que recomendou o regresso aos tempos antes da Revolução Francesa;
- c) Os totalitários e a contestação ao liberalismo (1901-1945): este período foi marcado nos primeiros anos pela Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa, e nos anos seguintes pela Segunda Guerra Mundial. Neste contexto houve uma fragmentação do núcleo cooperativista e mutualista nascido do movimento associativo, segundo Defourny *apud* (1992, Caeiro 2008) “tudo isto [...] conduziria a um distanciamento e falta de coesão das atividades cooperativas, mutualistas e associativas.”;
- d) O Estado-providência e os direitos sociais (1945-1975): com o fim da Segunda Guerra Mundial foi se desenvolvendo o Estado-providência o qual passa a intervir no mercado e corrigir as suas falhas. Somente a partir dos anos de 1970 quando o Estado-providência entrou em crise foi que a problemática da economia social voltou a se colocar com intensidade e mais uma vez com predominância na França, sendo alicerçado pela proximidade entre os movimentos cooperativos e mutualistas franceses;
- e) A crise do Estado-providência e o redimensionamento da economia social (1975-2006): neste período a economia social volta a conquistar dimensão e importância com o desenvolvimento e crescimento dos movimentos cooperativo, associativo e mutualista. Devido a isto houve um aumento do emprego e desenvolvimento de organizações dessa economia graças a apoios financeiros, e a própria economia social. Surgiu também a tentativa de promoção da inclusão social. No ano de 1975 nasceu o Comitê Nacional de Coordenação das Actividades Mutualistas, Cooperativistas e Associativistas – CNLAMCA que lançou no

ano de 1978 o debate sobre economia social em Bruxelas. Portanto cada passo dado durante esses cinco períodos contribuiu para que a economia social ganhasse posição para atuar a serviço da comunidade e para o desenvolvimento da sociedade (CAEIRO, 2008).

Segundo Caeiro (2008, p. 64) “a economia social tem características próprias para responder a um enquadramento econômico social específico, ao qual nem a economia pública nem a privada conseguem ou desejam dar respostas.” No que diz respeito, as organizações que integram a economia social, esses tipos de entidades não distribuem entre seus membros o lucro gerado pela atividade principal da empresa, ou seja, tudo é investido para melhorar a própria organização. Nessas organizações garantir um posto de trabalho e satisfazer as necessidades básicas e sociais é mais importante que maximizar o lucro (CAEIRO, 2008).

De acordo com o Observatório da Economia Social em Portugal- OBESP (2011) essas organizações não seguem exclusivamente as estratégias definidas pelo mercado uma vez que seu objetivo principal é satisfazer as necessidades sociais. Portanto não são apenas produtoras de bens e serviços, mas também produtoras de conexões sociais, o que contribui para o gerenciamento do capital social. No que tange o resultado, as organizações de economia social se diferenciam das capitalistas devido a um aspecto essencial que é a distribuição das abundâncias, esta se destina a dar continuidade às atividades organizacionais e satisfazer a comunidade em geral.

Conforme o OBESP (2011) a economia social deve oferecer bens ou serviços que atendam as necessidades dos indivíduos tanto de forma econômica como social sendo que esta última é mais importante para este setor da economia. Uma vez que a sua finalidade é desenvolver uma coesão social e privilegiar os indivíduos que sofrem com a perda de capital devido a aspectos determinantes que acabam por excluir esses indivíduos de outros setores da economia. A economia social apresenta um conjunto de vantagens pela sua própria razão de ser que não é apresentada em nenhum outro setor da economia:

“Primeiro relaciona-se com a capacidade de detectar novas necessidades e criar novos empregos; segundo relaciona-se com a capacidade de mobilizar e movimentar forças e criar as mais diversas e numerosas redes; terceiro respeita à sua capacidade de fomentar aquilo que designa de “capital social”; quarto prende-se com a capacidade de utilizar corretamente os recursos que provêm da redistribuição”. (OBESP, 2011, p.3).

Devido a algumas características a economia social pode ser confundida com a economia solidária, dessa forma o OBESP (2011) explica que quando isso acontece são

destacadas as ligações que são estabelecidas ao nível das comunidades locais, considerando que deve surgir um novo tipo de economia. Apesar de possuírem características parecidas essas economias apresentam experiências distintas, uma vez que a economia social utiliza formas mais antigas e institucionalizadas do setor, e a economia solidária é mais emergente e menos institucionalizada apoiando-se mais no Estado. Segundo Lipietz (2011 *apud* Caeiro 2008, p. 65) o que distingue a Economia Solidária da Economia Social é a consideração de que:

[...] a iniciativa provém dos cidadãos que estão resolvidos a fazer alguma coisa, porque não estavam completamente excluídos ou desesperados e porque integram no seu comportamento individual a utilidade de todos, ainda que por si próprio, de libertar as ligações sociais, acumular o capital, melhorar o seu meio ambiente de defender os vizinhos.

Em vista disso Caeiro (2008, p. 65) afirma que “a Economia Solidária apresenta-se como um tipo de economia alternativa, principalmente ao que entende ser o conformismo e a objectivação da economia social”. Essa economia tendo como características fundamentais a solidariedade e a cooperação promove o financiamento de microprojetos entre eles os artesanais, ocasionando o desenvolvimento local e dos indivíduos de forma coletiva (CAEIRO, 2008).

A Primeira Revolução Industrial foi antecedida pelo proletariado que nasceu na Grã-Bretanha com a expulsão dos camponeses dos territórios senhoriais. Em vista disso, surgiu a economia solidária devido às necessidades geradas pelas transformações na produção artesanal, causada por essa revolução. Conforme Singer (2002, p.24) a economia solidária surgiu “[...] como reação ao espantoso empobrecimento dos artesãos provocado pela difusão das máquinas e da organização fabril da produção”. A vida fabril era sofrida devido às longas jornadas de trabalho e às condições precárias, isso levava a debilidade física e mortalidade dos operários impedindo que a produção crescesse.

Singer (2002) ressalta que perante esse cenário o empresário Robert Owen agiu de forma diferente e resolveu proteger seus trabalhadores criando leis que limitassem a jornada de trabalho e proibindo que fossem empregadas crianças. E apesar de gastar mais para manter o bem estar dos trabalhadores, Owen conseguiu melhores resultados na produtividade de sua empresa. Isso o tornou um homem admirado e respeitado. E muitos empresários tentavam compreender como ele conseguia recuperar em forma de lucro o dinheiro que despendia para manter o bem-estar dos trabalhadores.

Em 1815 após o ciclo de guerras provocadas pela Revolução Francesa, Owen mais uma vez enxergou o que outros não conseguiam. Ele argumentava que a depressão da economia era causada pela quantidade de trabalhadores ociosos, pois sem ganho não havia consumo. Portanto se esses trabalhadores fossem reinseridos na produção da indústria bélica, ampliaria o mercado e reverteria a situação. A proposta de Owen era reerguer a economia ajudando os pobres e desempregados (SINGER, 2002).

Em 1817, Owen tinha um novo plano para que os pobres fossem reinseridos na economia e conseguissem o seu próprio sustento. Ele propôs ao governo britânico que fossem construídas Aldeias Cooperativas, estas empregariam os pobres que estavam desocupados e os colocariam de volta na produção, refreando os gastos que o governo tinha com estes. No entanto para desilusão de Owen, o governo não aprovou o seu plano ao perceber que não apenas reduziria os gastos com os pobres, mas afetaria o sistema capitalista (SINGER, 2002).

Apesar de fazer outras tentativas fora da Inglaterra Owen acaba voltando desiludido. Contudo suas ideias foram colocadas em prática por alguns de seus seguidores que criaram sociedades cooperativas por toda parte. A primeira cooperativa owenista foi criada em Londres com o objetivo de reunir jornalistas e gráficos em comunidade, seu fundador foi George Mudie. Outros líderes como Charles Fourier e Saint-Simon, clássicos do socialismo utópico, também inspiraram o cooperativismo que foi abrindo caminhos para os praticantes da economia solidária (SINGER, 2002).

Em meio a tantas experiências de cooperativismo cabe destacar a Cooperativa dos Pioneiros Equitativos de Rochdale. Considerada a cooperativa mais famosa, ela foi criada no centro têxtil da cidade de Rochdale, sendo impulsionada pela derrota de uma greve de tecelões em 1844, na qual 28 operários de diversos ofícios se uniram com o objetivo de melhorar sua situação econômica. Os membros dessa cooperativa desenvolveram princípios norteadores que se tornaram universais no cooperativismo (SINGER, 2002).

Para Lima (2010) faz-se necessário este breve passeio pela história do cooperativismo para melhor compreender a economia solidária. Visto que o cooperativismo ainda que esteja inserido no capitalismo é um sistema com características voltadas para esta economia, pois busca atender as necessidades e interesses de seus associados. Esta mesma autora define o cooperativismo como sendo base para a economia solidária:

“O cooperativismo parte do princípio de trabalhar em comum, associar pessoas com a finalidade de trabalhar, produzir conjuntamente através de capital e do trabalho

comum. Através do cooperativismo os associados buscam meios de melhorar sua qualidade de vida e seu padrão socioeconômico, o que é uma base para a economia solidária.” (LIMA, 2010, p.57).

Para Singer (2002) esta fase inicial da economia solidária poderia se chamar de “cooperativismo revolucionário”, pois aconteceu de forma intensa e contínua como em nenhum outro momento da história. Um dos pensadores que merece destaque nesta fase é Owen, pois com seus ideais e ações influenciou muitos seguidores.

A economia solidária surge em contraponto à economia capitalista que é voltada para o capital e acaba esquecendo o ser humano. A economia capitalista é competitiva em vários sentidos o que ocasiona a produção crescente de desigualdades entre os que acumulam capitais e os que não dispõem de capital e vendem sua força de trabalho para sobreviver. Singer (2002, p.9) ressalta que só seria possível acabar com as desigualdades da sociedade se “predominasse a igualdade entre os seus membros, seria preciso que a economia fosse solidária em vez de competitiva”. Em outras palavras seria mais vantajoso para os participantes da economia cooperar ao invés de competir (SINGER, 2002).

No que tange o modo de produção há uma diferença no princípio básico da propriedade, uma vez que na economia solidária se configura como coletiva, resultando em solidariedade e igualdade. Em relação à administração das organizações também existe uma diferença, já que na empresa capitalista existe uma hierarquia, na qual os que estão no topo tomam as decisões e repassam para a base. Na empresa solidária é praticada a autogestão, sendo a assembleia dos sócios a autoridade maior, ou seja, as decisões são tomadas por todos. Porém Singer (2002, p.19) ressalta que “o maior inimigo da autogestão é o desinteresse dos sócios, sua recusa ao esforço adicional que a prática democrática exige”. Isso acontece, pois pode ser desgastante quando tiver que resolver conflitos entre os companheiros ou participar de reuniões cansativas (SINGER, 2002).

De acordo com a Secretária Nacional de Economia Solidária – SENAES “a economia solidária é um jeito diferente de produzir, vender, comprar e trocar o que é preciso para viver”. Nesta economia tudo é feito de forma coletiva desde a divisão de trabalhos, resultados e também as decisões que direcionam o negócio. A economia solidária atua por meio da organização de diversos empreendimentos a exemplo de associações cooperativas, etc. (SENAES, 2015).

Conforme a SENAES (2015) quatro princípios da economia solidária são considerados os mais importantes. No quadro 01 são apresentados os princípios e seus conceitos. Esses princípios são indispensáveis para conduzir os empreendimentos solidários a desenvolver suas atividades e alcançar seus objetivos. Dessa forma a economia solidária tem proporcionado muitas iniciativas com o intuito de gerar renda e promover a coesão social.

**Quadro 1 – Principais princípios da economia solidária e seus conceitos.**

1. A <b>cooperação</b> acontece quando os membros de um grupo resolve colaborar ao invés de competir unindo seus esforços para alcançar objetivos em comum, o trabalho é coletivo e os resultados são partilhados.
2. A <b>autogestão</b> é uma prática democrática coletiva, todos os que fazem parte do empreendimento tem o privilégio de contribuir na tomada de decisão com direito a voz e voto.
3. A <b>ação econômica</b> está ligada a iniciativas como a produção, a comercialização, a prestação de serviços, as trocas, o crédito e o consumo.
4. A <b>solidariedade</b> permeia entre as ações solidárias igualmente, a proposta é incluir todas as pessoas nos benefícios que o empreendimento proporcionar.

Fonte: Baseado em dados da SENAES (2015)

Gaiger (2013a) ressalta que para alcançar seus objetivos a economia solidária se tornou elemento de algumas políticas públicas. No Brasil a economia solidária também foi antecedida pelo cooperativismo que foi trazido pelos europeus no século XX. No contexto atual a economia solidária no Brasil é constituída por um campo de atuação formado por quatro segmentos:

“O campo da economia solidária constitui-se hoje de quatro segmentos principais: a) os empreendimentos solidários, com atividades econômicas de produção, prestação de serviços, comercialização, finanças e consumo. O Mapeamento Nacional registrou quase 22mil empreendimentos, com 1,6 milhões de sócias/os e mais de 500 mil postos de trabalho; b) as organizações civis de apoio à economia solidária, contando-se inúmeras ONGs, universidades entidades sindicais e organismos de pastoral social, cuja atuação pioneira data dos anos de 1980; c) os órgãos de representação e articulação política dos diversos segmentos e atores, no âmbito dos movimentos sindicais, das incubadoras, dos gestores públicos, das entidades de crédito solidário, das redes de troca etc., com destaque ao Fórum Brasileiro (FBES), central nos debates e mobilizações nacionais; d) os organismos estatais à testa de programas públicos de economia solidária. Como órgão da esfera pública, sinalizando o nível de institucionalização alcançado, tem-se desde 2006 o Conselho Nacional de economia solidária, com representações de setores do Estado e da sociedade civil.” (GAIGER 2013a, p. 214).

No geral os empreendimentos solidários adotam dois formatos institucionais disponíveis: associação e a cooperativa, por causa dos objetivos e da sua dinâmica. A partir de dados do Mapeamento Nacional de Economia Solidária, o autor Gaiger (2013b, p.8) destaca que “a associação é o status jurídico mais utilizado na Economia Solidária: no primeiro Mapeamento, 52% dos empreendimentos eram associações; no segundo, 59,9%”. No entanto ainda de acordo com a análise desses dados percebeu-se uma diminuição no percentual dos empreendimentos informais na mesma proporção que as associações aumentaram, com isso existe a suposição de que a associação seja uma alternativa mais fácil para quem decide sair da informalidade (GAIGER, 2013b).

Outras particularidades da Economia Solidária são mostradas pelos dados desse Mapeamento e causam surpresa por se diferenciarem do senso comum como, por exemplo:

“O fato de que as mulheres trabalham proporcionalmente mais do que os homens e conduzem por sua conta um percentual considerável de empreendimentos, salientes por seu maior envolvimento comunitário e social. Além das mulheres sobressaem-se fatos ainda fatos ainda inexploráveis, como notável concentração de empreendimentos em regiões interioranas do Nordeste do Brasil” (GAIGER, 2013b).

No que diz respeito ao formato institucional do empreendimento solidário para esse estudo será dada atenção à associação como formato institucional. Deste modo na definição do Programa do Artesanato Brasileiro do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – PAB/MDIC (2010), por meio da Portaria Nº 29, de 05 de Outubro de 2010 a associação é:

“Instituição de direito privado, sem fins lucrativos, constituída com objetivo de defender e zelar pelos interesses de seus associados. Regida por estatuto, com uma diretoria eleita em assembleia para períodos regulares. A quantidade de sócios é ilimitada”<sup>1</sup>.

De acordo com o que foi visto a economia solidária surgiu como uma resposta ao processo econômico capitalista, sendo compreendida como uma nova alternativa. Apesar de apresentar características semelhantes a economia social, elas são distintas devido a diversos fatores entre eles as experiências locais nas comunidades e as formas institucionais. No entanto era necessário fazer estas comparações para melhor compreender a história de evolução da economia solidária.

---

<sup>1</sup> A Portaria Nº 29, de 05 de outubro de 2010, é um Documento oficial da Base Conceitual do Artesanato Brasileiro definido pelo Programa de Artesanato Brasileiro que é desenvolvido pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria, e Comércio Exterior – PAB/MDIC.



## 2.1. O ARTESANATO SOB A PERSPECTIVA DA ECONOMIA SOLIDÁRIA

De acordo com Lima (2010), a economia solidária apresenta uma proposta de vida melhor para aqueles que estão fugindo do desemprego e da exclusão social. Para minimizar esses problemas a economia solidária usa como mecanismo a solidariedade e o cooperativismo que ao longo dos anos foram sofrendo modificações para adaptar-se à realidade. Singer (2002, p.9) ressalta que só pode cumprir-se a solidariedade se “ela for organizada igualitariamente pelos que se associam para produzir, comerciar, consumir ou poupar”. Contudo a solidariedade se faz necessária também entre os empreendimentos solidários para amenizar o desafio da comercialização, uma vez que o empreendimento solidário isolado não tem forças para competir com as empresas capitalistas.

Em vista disso assumindo diferentes formas os empreendimentos solidários dão ao homem a capacidade de dá respostas à crise do trabalho assalariado. Logo o trabalhador excluído cria diversas modalidades de empresas solidárias como alternativa de geração de emprego e renda. Geralmente essas empresas solidárias são pequenas e com poucos trabalhadores, a produção possui uma escala pequena e na maioria das vezes é informal. A administração é caracterizada pela autogestão, tendo como características, a solidariedade, participação, e a cooperação. O principal objetivo não é o lucro e sim a ocupação e geração de trabalho. (LIMA, 2010).

No cenário brasileiro é perceptível o aumento da extinção de inúmeros postos de trabalho na economia. Segundo dados do IBGE (2017) a taxa de desocupação entre novembro de 2016 a janeiro de 2017 foi estimada em 12,6% com um aumento de 0,8 percentuais em relação ao período de agosto a outubro de 2016 que era de 11,8%. Isso quer dizer que a desocupação já atinge 12,9 milhões de pessoas com um aumento de 7,3% se comparado ao trimestre de agosto a outubro de 2016. Essa realidade aponta para a necessidade de adoção de soluções capazes de combater a desocupação e o desemprego.

Lima (2010) aponta três coisas que é deprimente para o homem: a desocupação, a desesperança e o desalento. Diante desse desastre da não ocupação a importância da economia solidária é promover a inclusão, segundo Barbosa (2006 apud Lima 2010, p.74) para iniciar esse processo de inclusão “o elemento primário é a elevação da autoestima individual”. Portanto o trabalhador frente a novas dificuldades que lhe foram impostas possui apenas sua

força de trabalho, então ele se une a outros trabalhadores para criar empreendimentos solidários amparados pela economia solidária.

Todavia é nas classes mais baixas da sociedade que existe uma dificuldade maior de acesso ao trabalho formal, em consequência disso aumenta as carências nas áreas de saúde, educação, moradia e outras. Dessa forma Lima (2010 p. 78) destaca que os agentes que formam os empreendimentos solidários são: “adolescentes, jovens, grupos de cultura, catadores, mulheres, populações rurais e urbanas, comunidades em situações de risco”. Entre esses agentes formadores dos empreendimentos solidários vamos dar atenção à mulher e ver sua trajetória no mercado de trabalho (LIMA, 2010)

A evolução da mulher no mercado de trabalho é perceptível, e segundo Silva e Yazbek, (2008, p.52) isso aconteceu porque “com a emergência da sociedade capitalista, o trabalho feminino assume plenamente a forma de trabalho assalariado, transformando a mulher em significativo contingente da classe trabalhadora”. Aqui no Brasil a industrialização se desenvolveu principalmente utilizando o trabalho feminino e infantil. Devido à necessidade de reduzir os custos de produção à substituição da força trabalhadora masculina pela feminina foi vista como benéfica para o capital, especialmente por oferecer baixa remuneração à mulher (SILVA; YAZBEK, 2008).

No período entre 1872 e 1960 o trabalho feminino se manteve limitado no espaço reprodutivo, elevando as atividades domésticas. Os anos de 1970 foram marcados pelo movimento feminista que lutou pela emancipação da mulher. Esse movimento acarretou mudanças no perfil familiar que se mantinha conservador aconselhando que ser mãe e esposa era o destino natural para a mulher. Além da emancipação as mulheres lutavam por outros direitos como salários iguais para trabalhos iguais, e divisão mais justa na esfera reprodutiva (SILVA; YAZBEK, 2008).

Em relação à participação da mulher no mundo produtivo a partir da década de 1980 ocorreu um crescimento constante da participação feminina em diversos setores da economia que se mantém até os dias de hoje. Essa evolução pode ser vista como um ponto positivo no processo de emancipação, porém a remuneração feminina ainda é baixa quando comparada à masculina. Essas desigualdades são reforçadas porque ainda é dada uma maior importância ao trabalho masculino que é visto como superior (SILVA; YAZBEK, 2008).

Apesar do forte avanço da inserção da mulher no mercado de trabalho, a participação delas no espaço produtivo ainda é marcada pela precariedade. Silva e Yazbek (2008, p. 60) afirmam que “a precarização no mundo do trabalho está atingindo muito mais a mulher trabalhadora, acarretando uma acentuação das desigualdades entre os sexos”. Em outras palavras quando comparada aos homens, as mulheres estão nas faixas dos rendimentos mais baixos. No que tange a precariedade do trabalho a situação está ainda mais desfavorável para os trabalhadores de raça negra (SILVA; YAZBEK, 2008).

No que diz respeito ao desemprego as mulheres ainda são as mais atingidas devido a um elemento sazonal. Lavinias (2002 *apud* Silva e Yazbek 2008 p. 70) afirma que “essas características do desemprego feminino permite inferir que as mulheres estão mais sujeitas aos postos de trabalho temporários e menos estáveis que os homens, sendo, portanto, mais suscetíveis à demanda por força de trabalho sazonal”. Portanto no contexto da reestruturação produtiva as mulheres estão ocupando as taxas de maiores precariedades e estão vivenciando as taxas de maiores informalidades no mundo do trabalho (SILVA; YAZBEK, 2008).

Desta forma percebe-se a busca incessante da mulher por alternativas de trabalho que venha complementar a renda e manter o bem estar da família. Logo o artesanato produzido por meio de trabalho manual é uma das alternativas encontradas por essas mulheres. Dantas *et al* (2009, p.7) ressalta que “o artesanato utiliza na maioria das vezes matéria-prima natural e promove a inserção da mulher e do adolescente em atividades produtivas, estimulando a prática do associativismo”. Então o artesanato que antes era produzido para consumo interno passa agora a ser comercializado.

O Programa do Artesanato Brasileiro do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – PAB/MDIC (2010), por meio da Base Conceitual do Artesanato Brasileiro faz a seguinte definição:

“Artesanato compreende toda a produção resultante da transformação de matérias-primas, com predominância manual, por indivíduo que detenha o domínio integral de uma ou mais técnicas, aliando criatividade, habilidade e valor cultural (possui valor simbólico e identidade cultural), podendo no processo de sua atividade ocorrer o auxílio limitado de máquinas, ferramentas, artefatos e utensílios.” (PAB/MDIC, 2010).

Conforme Dantas *et al* (2009) a produção artesanal pode ser vista sob a perspectiva da economia solidária, uma vez que é baseada na cooperação de artesãos, igualdade entre membros, repartição de ganhos decisão coletivas entre outros aspectos. Dessa forma o artesanato apresenta-se como uma alternativa com uma lógica de produção baseada na

cooperação e associativismo, porém no que diz respeito à comercialização dos produtos artesanais se sobressai à lógica capitalista, pois os mercados são regidos pelo capitalismo. Ao lado da dinâmica de produção capitalista há espaço para atividade artesanal como alternativa, porque ela representa um nicho de sobrevivência de pequenos grupos produtivos.

Os trabalhadores no setor artesanal independente de que estejam no inseridos no espaço rural ou urbano na maioria das vezes são informais e tem autonomia sobre o negócio. Em relação à geração de trabalho e renda e dependendo de alguns aspectos como o estilo e técnica utilizados na produção, o artesanato se torna mais viável quando é produzido no espaço rural. Isso acontece principalmente devido à utilização de matérias primas naturais que muitas vezes são adquiridas a baixo custo. A história relata que antes da industrialização e urbanização o homem já produzia o artesanato para o próprio consumo, dessa forma Couto (1998 apud Dantas *et al* 2009 p. 8) afirma que “o artesanato, em seus primórdios, surgiu no meio rural, antes da grande divisão do trabalho entre o campo e a cidade.” Nos dias de hoje devido ao ressurgimento do interesse e da valorização dada ao objeto artesanal, a produção artesanal começou a atender a novos nichos de mercado, ou seja, o artesanato que antes era produzido apenas para consumo próprio passou a ser valorizado e comercializado (KELLER, 2011; DANTAS, 2009).

Por ter uma carga cultural e trazer características do artesão o produto artesanal é visto como um produto diferenciado. O artesanato ganha destaque em meio a outros produtos que são padronizadas, pois ele tem características próprias. E apesar de ser produzido na informalidade muitas vezes em condições precárias ele é um produto com qualidade percebida. A produção artesanal é quase que completamente manual, pois não são utilizados maquinários apenas ferramentas para transformar a matéria. Nesta produção o objeto é fruto da vontade do homem. Portanto o trabalho artesanal mais que um meio de sobrevivência ele requer do artesão habilidade e capacidade específica não apenas manual mais também criativa (KELLER, 2011).

Diante disto fica evidente que o artesanato esteja associado à economia solidária, por ser uma atividade informal, visto que é feita manualmente pode ser aprendida por qualquer pessoa. A economia solidária busca reinserir o indivíduo no mercado de trabalho melhorando a sua autoestima e dando a este a liberdade de ação. Dessa forma o artesanato é uma atividade que aliada à economia solidária pode ser uma alternativa para a reinserção, pois pode ser feito de acordo com a vontade do indivíduo que se torna dono do próprio negócio.

**Capítulo 3**  
**PROCEDIMIENTOS METODOLÓGICOS**

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para alcançar seus objetivos, esta pesquisa caracterizou-se pela utilização de uma abordagem qualitativa que de acordo com Goldenberg, (1997 *apud* Gerhardt e Silveira 2009, p. 33): “[...] não se preocupa com representatividade numérica, mas sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo, social de uma organização, etc”. Segundo os mesmos autores tal abordagem se justifica por preocupar-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificáveis. E também por pretender descrever, compreender e explicar, as relações existentes entre o global e o local de certo fenômeno (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Quanto aos fins é de natureza descritiva que, segundo Vergara (2010, p.42) “expõe características de determinada população ou de determinado fenômeno. [...] Não tem compromisso de explicar os fenômenos que descreve, embora sirva de base para tal explicação”. Quanto aos procedimentos foi feito um estudo de caso. Na definição de Fonseca *apud* (2002, Gerhardt e Silveira 2009, p.40) estudo de caso “pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa ou uma unidade social”. Este instrumento utiliza métodos diferentes de coleta e apresenta um caráter de profundidade e detalhamento.

A Associação de Mulheres Artesãs de Manguape – AMAM, no município de Montadas-PB, foi o estudo de caso escolhido. Sendo um empreendimento solidário foi idealizado e formado por mulheres artesãs daquela localidade. Essas mulheres produzem e comercializam produtos artesanais feitos de crochê, pintura em tecido, bordado, costura, reciclagem, tricô e etc.

Apesar de a associação ter uma lista de 25 artesãs que deveriam estar participando das atividades, apenas 06 participam ativamente. Das outras 19 algumas participam quando tem algum evento ao qual a associação foi convidada a participar e as demais estão afastadas, devido a motivos não evidenciados.

Em vista disso, os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram três: a observação, a entrevista, e a pesquisa documental. a) A observação utiliza os sentidos para perceber aspectos da realidade. Sua consistência está em ver, ouvir e examinar fatos que se pretende averiguar. A observação foi não participante ou passiva na qual o pesquisador é mais espectador. b) A entrevista é uma técnica que precisa da presença física de ambos os

participantes entrevistador e respondente. Esta consiste em um diálogo no qual uma parte busca obter dados e a outra se apresenta como fonte de informações, caracterizando uma interação social. A entrevista utilizada foi a semiestruturada deixando os respondentes livres para falar de assuntos que surgissem com o desenvolver da entrevista. c) A pesquisa documental é executada a partir de documentos considerados cientificamente autênticos. Os documentos utilizados nessa pesquisa se classificam, como sendo de primeira mão, pois tratar-se de documentos oficiais. Também foram utilizados dados demográficos. Como instrumentos acessórios foram utilizados uma câmera fotográfica, um aplicativo gravador, um bloco para anotações e caneta (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

O primeiro contato foi realizado com a presidente do empreendimento. A observação e as entrevistas foram efetuadas em três visitas, ambas no horário das reuniões, posteriormente durante os meses que perdurou a pesquisa foi feito um acompanhamento apenas em contato com a presidente. Pôde ser realizada a observação, em razão de que a pesquisadora esteve pessoalmente no local onde acontece o fenômeno. A observação ocorreu de forma mais intensa na primeira visita, nas outras visitas se deu mais atenção às entrevistas.

Para a entrevista semiestruturada foi criado um roteiro que buscou atender os objetivos da pesquisa, o qual se encontra anexado a este trabalho. Todas as entrevistas foram realizadas face a face e gravadas, com a permissão das respondentes, e transcritas. A aplicação das entrevistas ocorreu em duas etapas: na primeira foi entrevistada a presidente, que é a pessoa que melhor conhece o histórico da associação e as atividades desenvolvidas. Na segunda etapa foram entrevistadas as artesãs que participam mais ativamente da associação.

A pesquisa documental foi realizada a partir de documentos da própria associação, no qual foi analisada a natureza e as regras desses documentos. No site do IBGE no qual foram coletados dados demográficos do Município de Montadas. E no site da Secretária de Micro e Pequena Empresas foram consultados os instrumentos normativos da Base Conceitual do Artesanato Brasileiro.

Para a análise dos resultados foram utilizadas as entrevistas transcritas. Posteriormente foram analisadas e comentadas as falas levando em consideração opiniões, percepções, observações e comportamentos das entrevistadas. Para esta atividade não foi utilizado nenhum *software*.

**Capítulo 4**  
**RESULTADOS**



#### 4. ASSOCIATIVISMO, SOBREVIVÊNCIA E SOLIDARIEDADE ENTRE AS ARTESÃS DE MONTADAS

O Município de Montadas, Estado da Paraíba, é de pequena extensão, figura 1. Ele tem como limites, ao Norte o Município de Areial, ao Sul Puxinanã, a Nordeste Esperança, a Leste Lagoa Seca e a Oeste Pocinhos. Ocupa uma área total de 31. 691 km<sup>2</sup>, com uma população de 4.990 habitantes em 2010, entre os quais 2.482 são homens e 2.508 são mulheres residentes no município, a estimativa para 2016 era de 5.611 habitantes. Em 2010 o Índice de Desenvolvimento Humano – IDH foi de 0,590. (IBGE 2016).



**Figura 1 – Visão aérea da cidade de Montadas**  
**Fonte: Site da prefeitura de Montadas.**

A Capela de Manguape é um pequeno vilarejo situado no sitio Manguape no município de Montadas a 10 km da cidade, figura 2. Habitado por aproximadamente 18 famílias é bem frequentado por habitantes que moram nas redondezas. Esse vilarejo conta com uma escola do ensino fundamental funcionando em dois turnos. Diariamente vem um transporte buscar e trazer os estudantes que estudam na zona urbana do município e que estudam em Campina Grande-PB, a exemplo dos universitários. Existe também um posto de saúde com atendimento médico a cada quinze dias, no entanto quando o médico não pode comparecer a prefeitura manda um transporte que leva os pacientes para serem atendidos no hospital da cidade. Além disso, o vilarejo conta com uma igreja da religião católica a qual dá referência ao lugar (Capela de Manguape) por ser a única naquela região, a partir disso surgiu o nome do vilarejo. A pequena bodega que lá existe foi por muito tempo a alternativa mais fácil para aqueles que não tinham como se deslocar até a cidade no meio da semana, também

um lugar de encontro de alguns homens que paravam para prosear depois de um dia de trabalho e tomar ‘pinga’, ou ainda um lugar para lanchar após a missa no domingo. Lá também existe uma casa de farinha que gerou muitas oportunidades de trabalho no tempo em que a agricultura era forte na região e o cultivo de mandioca era grande, porém hoje se encontra inativa.



Figura 2 – Visão aérea do vilarejo.

Fonte: <https://www.facebook.com/apostolosdamidia> /Paroquia de São Sebastião de Lagoa de Roça (2016).

A sobrevivência através do trabalho agrícola está cada vez mais enfraquecida devido às estiagens e outros fatores. No decorrer dos anos foram surgindo outras iniciativas que geraram trabalho assalariado principalmente para os homens da localidade, a exemplo de, duas olarias que no momento estão paradas devido à falta de água; e projetos em parceria com a Empresa Souza Cruz para plantação de fumo, os quais, devido às poucas chuvas estão parados. Atualmente alguns agricultores participam de projetos produtivos de avicultura de frango de corte caipira. Estes projetos foram implantados pelo Projeto Rio Mamanguape, patrocinado pela Petrobrás, através do Programa Petrobras Ambiental. No Nordeste este projeto é executado e acompanhado pela Cooperativa de Projetos Assistência Técnica e Capacitação do Nordeste Ltda – COOPACNE.

Para as mulheres, as oportunidades são mais difíceis, algumas conseguiram estudar e são professoras na escola do vilarejo, outras assumem as profissões de merendeira, zeladora, agente de saúde, auxiliar de enfermagem, naquela localidade. As que viviam exclusivamente da agricultura ou se ocupavam apenas com os trabalhos domésticos enxergaram no artesanato uma alternativa de trabalho, porém uma questão ainda era uma barreira para a maioria, o

conhecimento para divulgar e vender seus produtos, e neste contexto surgiu a ideia de unir forças e criar uma associação, como relata a presidente:

“[...] eu via as outras aqui que faziam o artesanato e ficava muitos trabalhos em casa e não tinha como vender. E ai surgiu a ideia de fundar essa associação pra ver se mudava. [...] como eu já tinha meios de divulgar o meu trabalho, queria que as outras também tivessem através da associação” (Artesã presidente).

Diante disto, a associação tem como objetivo o desafio de buscar promover a geração de trabalho e renda junto a mulheres dessa localidade rural, através da produção e comercialização de produtos artesanais.

A Associação das Mulheres Artesãs de Manguape – AMAM, foi formada aos 16 de março de 2007, às 13h, através de uma assembleia geral no salão da capela situada no sítio Manguape, no município de Montadas, conforme relatado na Ata<sup>2</sup>. No que diz respeito à parte formal e legalização, a AMAM está devidamente legalizada e registrada de acordo com a Lei nº 6.015/73<sup>3</sup> (Artigo 121) que define quais os documentos necessários para registrar uma associação.

Quanto à constituição inicialmente foi realizada a primeira Assembleia Geral aos 16 de março de 2007 que constituiu a AMAM como associação, a ata foi lavrada por Maria Daguia Lima de Oliveira. Na ata é mencionado o nome do Sr. Ronaldo Oliveira para coordenar os trabalhos, que já iniciou apresentando propostas para o Estatuto. Neste dia também foram definidos por meio de votação a Diretoria Executiva, e o Conselho Fiscal, formados por algumas das sócias. Na ata foi descrito o objetivo principal que motiva a existência da associação:

“[...] a Associação das Artesãs do Sítio Manguape no Município de Montadas – PB, com o objetivo de congregar as profissionais em diversas áreas do conhecimento humano, dando-lhes condições de produção, comercialização, capacitação profissional, geração de renda por parte das associadas com administração e sede no Sítio Manguape no Município de Montadas”.

A AMAM foi cadastrada como Pessoa Jurídica aos 03 de maio de 2007, tendo como nome empresarial, Associação das Artesãs do Sítio Manguape de Montadas, sua situação cadastral é ativa. Também faz parte dos documentos da associação a RAIS – Relação Anual

---

<sup>2</sup> ATA DA ASSEMBLEIA GERAL DE CONSTITUIÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DAS ARTESÃS DO SÍTIO MANGUAPE DE MONTADAS.

<sup>3</sup> A Lei nº 6.015 de 31 de Dezembro de 1973 é a Lei de Registros públicos que dispõe sobre os registros públicos e dá outras providências.

de Informações Sociais. Na Certidão de Registro consta que o Estatuto da Associação das Artesãs do Município de Montadas foi registrado em 03 de maio de 2007 no livro A-3 do Registro de Pessoas Jurídicas da Cidade e Comarca de Esperança - PB.

O Estatuto<sup>4</sup> que rege a associação é formado por 04 capítulos, nos quais constam as finalidades, direitos e obrigações a serem cumpridos. Quanto à finalidade o Estatuto destaca que a associação deve promover o desenvolvimento dos sócios por meio de atividade produtivas, educativas, culturais, econômicas e sociais, buscando melhorar a vida e bem estar dos sócios; realizar palestras seminários e cursos para qualificação técnica dos sócios possibilitando o aperfeiçoamento do artesanato; firmar convênios com entidades governamentais e/ ou não governamental; representar os reais interesses da coletividade.

Quanto aos direitos e deveres, podem se associar a Associação os moradores do sítio Manguape de Montadas-PB que aceitem as normas desse estatuto; Os sócios devem: participar das assembleias gerais discutindo e votando nos assuntos tratados; propor melhorias do interesse da associação; votar e ser votado para ocupar Cargos da Diretoria Executiva e Conselho Fiscal; contribuir pontualmente, com as taxas de serviços e encargos estabelecidos; cumprir as disposições legais; e zelar pelo patrimônio material e moral da Associação.

No que se refere à administração a entidade é administrada por uma Diretoria Executiva e Conselho Fiscal. A Diretoria Executiva é formada pelos seguintes diretores: presidente; secretário; tesoureiro, de eventos, e de relações externas. Cabe a presidente sua representação ativa, passiva, judicial e extrajudicial com relação a terceiros. Cabe aos demais diretores cuidarem da contabilidade, promover festividades junto à comunidade, manter contato com pessoas e entidades públicas e/ou privadas. O Conselho Fiscal é constituído de 02 membros efetivos e 02 suplentes, todos associados. Cabe ao Conselho Fiscal exercer a ação fiscalizadora e minuciosa sobre: os atos praticados pela Diretoria executiva; os atos e serviços dos associados; controles fiscais e contábeis de numéricos e patrimônios. Ainda de acordo com o Estatuto a Assembleia Geral deve acontecer obrigatoriamente duas vezes no ano, no último sábado de janeiro e no último sábado de julho, podendo acontecer em qualquer outra data se for extraordinária.

A AMAM não recebe recursos de nenhuma entidade governamental e/ou não governamental para sua subsistência, como também não recebe nenhum apoio vindo da

---

<sup>4</sup> ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO DAS ARTESÃS DE MANGUAPE NO MUNICÍPIO DE MONTADAS.

prefeitura. Os recursos utilizados são únicos e exclusivamente levantados pelas associadas, por meio de pagamento de uma taxa mensal e através da venda de produtos produzidos por elas e vendidos em nome da associação. A presidente esclareceu essa falta de apoio por parte da prefeitura:

“Desde a outra gestão, queriam que eu aceitasse ter a associação como um escudo. “Essa associação foi na gestão tal, fulano de tal que abriu” e como eu não quero envolvimento político com a associação aí as dificuldades são muitas para a gente conseguir alguma coisa. [...] no começo conseguimos uma pequena ajuda do prefeito para comprar o material para começar, porém só ficou restrito a essa ajuda, depois começou a querer a envolver a associação em política e eu não aceitei, porque queriam ajudar mais só se tivesse uma divulgação política, então como eu acho que a associação não tem nada haver com politicagem não aceitei, então depois não recebemos mais ajuda” (Artesã Presidente).

Essa posição da presidente está de acordo com o Artigo 2º do Capítulo I do Estatuto que destaca que a associação não deve ser usada para promover fins pessoais, nem dos sócios, nem de terceiros.

A associação começou suas atividades com 32 mulheres, sendo a maioria casada. Com idade entre 30 e 63 anos essas mulheres possuem um grau de instrução que varia entre ensino fundamental incompleto a ensino médio completo. Atualmente a associação possui 25 associadas, porém apenas 06 participam ativamente de todas as atividades, algumas estão afastadas por motivos não evidenciados e as demais participam apenas dos eventos. Por não possuir uma sede própria a AMAM realiza suas reuniões e assembleias no salão comunitário da capela ou no pátio da escola, ambos naquela localidade.

Segundo a presidente a abertura da associação tinha outras motivações além da geração de trabalho e renda. Uma delas foi a necessidade de juntar e compartilhar os conhecimentos artesanais, porque, por exemplo, uma só sabia bordar ponto cruz, a outra pessoa só sabia fazer o crochê, então o intuito era que a partir da cooperação os conhecimentos fossem compartilhados. Resgatar a renda de bilro através da associação também motivou sua abertura:

“Era um sonho resgatar a renda de bilro, mas infelizmente a gente ainda não teve condições e nem conhecimento de quem faça. A renda de bilros era um artesanato típico daqui, minha tia Maria e minha vó faziam a renda de bilros. Infelizmente dos descendentes ninguém se interessou para levar adiante, nessa geração de agora esse aprendizado está perdido. Porque não tem ninguém capacitado por aqui que saiba fazer a renda de bilro para resgatar essa parte cultural do nosso município” (Artesã presidente).

Para capacitação e qualificação das associadas a AMAM oferece cursos para aperfeiçoamento do artesanato. Alguns desses cursos são ministrados pelas próprias sócias, por meio da cooperação como é observado por uma delas: “[...] esse povo por aqui que faz pintura quem iniciou com todos eles foi eu. Saia daqui para Lagoa Seca pra aprender e chegava aqui e transmitia para o pessoal, depois elas se aperfeiçoaram” (Artesã 06).

Conforme a Portaria<sup>5</sup> N° 8, de 15 de Março de 2012 do PAB/MDIC (2012) a técnica de produção artesanal compreende um conjunto de condutas, habilidades e procedimentos combinado aos meios de produção e materiais através do qual é possível obter um determinado produto. Nessa portaria estão descritas todas as técnicas que são armazenadas no Sistema de Informações Cadastrais do Artesanato Brasileiro – SICAB. Neste trabalho foram destacadas apenas as técnicas utilizadas pelas artesãs da AMAM, figura 3, essas técnicas são: crochê; pintura em tecido; bordado nas modalidades: vagonite e ponto cruz; costura; reciclagem; tricô e etc.

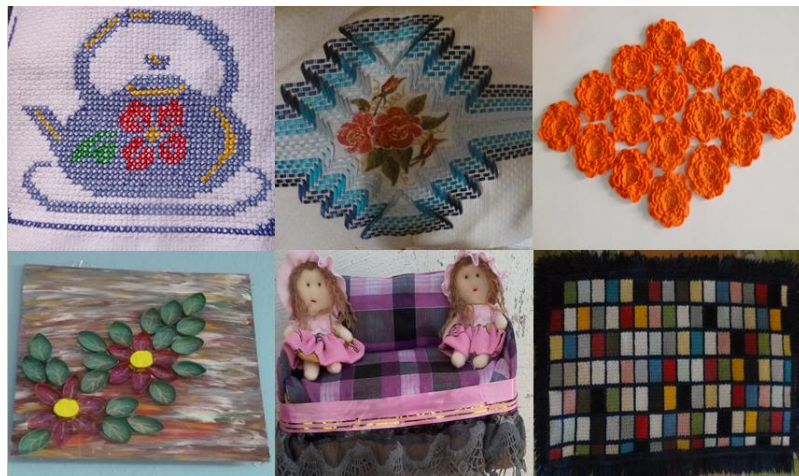


Figura 3 - Técnicas artesanais utilizadas pela AMAM: bordado, pintura, crochê, reciclagem, costura, tricô.  
Fonte: Pesquisa de Campo (2017).

A técnica do Bordado que pode ser executada sobre o tecido ou outro suporte, pode ser trabalhada com as mãos ou máquinas de pedal ou feita em máquinas de motor elétrico, para isto é utilizada agulha, linha e bastidores. O bordado possui várias modalidades entre elas Cruz e Vagonite: o Cruz é um bordado que seu ponto imita o formato de pequenas cruces que

<sup>5</sup> A Portaria N° 8, de 15 de Março de 2012, é um Documento oficial da Base Conceitual do Artesanato Brasileiro definido pelo Programa de Artesanato Brasileiro que é desenvolvido pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria, e Comércio Exterior – PAB/MDIC.

quando agrupadas formam um desenho, os tecidos mais adequados para esse bordado são o étamine e o linho; O Vagonite é bordado em tecido com textura em alto relevo, ou em tecido étamine, sem atravessar para o avesso, a agulha passa apenas nas tramas mais proeminentes, sendo trabalhado da direita para a esquerda. A Costura também é uma técnica manual que consiste em unir duas ou mais partes de um tecido, pano, couro, ou outros materiais, através dessa técnica podem ser produzidas peças como colchas, toalhas, pano de prato utilizando agulha e linha. O Crochê é desenvolvido com auxílio de uma agulha com gancho no final, seu traçado é semelhante a uma renda. A Pintura é feita à mão sobre diversos suportes entre eles o tecido no qual é feito um desenho que é dado cor com a utilização de tintas e pinceis. O Tricô é feito com auxílio de duas agulhas entrelaçando o fio de lã, criando assim uma peça que por suas características de textura, é chamado de malha de tricô ou apenas tricô. A Reciclagem consiste num conjunto de técnicas que tem por finalidade o reaproveitamento de materiais como matéria-prima para um novo produto (PORTARIA Nº 8, DE 15 DE MARÇO DE 2012 DO PAB/MDIC, 2012).

Na AMAM cada artesã produz mais de um tipo de artesanato, quadro 02, no entanto quando foi perguntado qual tipo de artesanato que cada uma produz percebesse que há uma predominância do crochê.

**Quadro 2 – Tipos de artesanatos produzidos pelas sócias.**

Artesã	Tipo de artesanato que produz
Artesã 01	“Crochê, pintura, bordado já fiz também, mas estou mais centrada na pintura”.
Artesã 02	“Eu faço direto o Crochê, mas eu gosto de mexer com reciclagem, mas o meu foco é crochê”.
Artesã 03	“Crochê, bordado com fita, vagonite e outros”.
Artesã 04	“Crochê, pintura, bordado de vários tipos (ponto cheio, ponto cruz, ponto vagonite, ponto rococó), tricô, trabalhos com reciclagem, com palitos, por exemplo, quando eu achava alguma coisa interessante ai eu chegava junto olhava como era que fazia e quando chegava em casa tentava reproduzir”.
Artesã 05	“Faço crochê em toalhas, conjunto de cozinha, porta toalha, cachorrinho de pelúcia (com linha) várias coisas”.
Artesã 06	“Crochê, pintura, e bordado”.

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Isso é bom, porque a associação pode atender grandes encomendas de crochê e entrega num espaço de tempo menor, devido ao número de sócias que produz esse tipo de artesanato, figura 4. Por outro lado há uma dificuldade quanto a isso porque a maioria não se interessa em aprender coisas novas para que a associação possa evoluir e dar avanços de melhoria.



Figura 4 - Artesãs fazendo crochê no pátio da escola.  
Fonte: Pesquisa de campo (2017).

Diante disso constatou-se que há evidências da falta de comprometimento da maioria e certa resistência no que se refere a aprender outros tipos de artesanato. A Presidente explica que isso acaba sendo um obstáculo que a impede de tomar algumas atitudes para que a associação cresça e seja conhecida:

“Eu tinha muita vontade de abrir um site para divulgar os trabalhos que a associação produz e que é capaz de produzir, mas se eu avançar e for divulgado se receber digamos assim uma encomenda grande de determinado trabalho. Ai como é que a associação vai dar conta se todas não se interessam em produzir aquela mesma coisa. “Ah eu me identifico mais com crochê.” Tudo bem você se identifica mais com crochê, mas não impede que você possa aprender as outras coisas. Mais se ficar duas ou três não dá conta, por exemplo, se a associação abrisse o site e tivesse uma quantidade tal de produtos bordados à maioria das sócias não sabe fazer. Como é que a gente ia atender a esse pedido? Então são passos que a gente tem que dar de acordo com a realidade que a gente tem em mãos, não adianta eu abrir um site e depois chegar pedidos de encomendas e a gente não ter como cumprir” (Artesã Presidente).

A AMAM realiza um evento que é anual na escola do vilarejo, no qual é feita uma exposição, ou seja, são expostos os produtos produzidos pelas sócias, tanto para divulgação como para comercialização, figura 5. A associação também faz exposições em outros lugares quando surgem convites, podendo ser no próprio município ou em outros municípios, a exemplo de, uma exposição que se realizou na cidade de Areial em 08 de maio de 16 dia internacional da mulher.





Figura 5 - Exposição de produtos produzidos pela AMAM.  
Fonte: AMAM (2008).

A associação possuía um ponto de venda no mercado público de Montadas-PB para comercializar seus produtos. “No começo quando o comércio funcionava lá no mercado municipal, as sócias produziam [...] para a gente vender lá e o material a associação dava, o que vendia ficava na associação para os gastos”. Quando o mercado foi inaugurado a associação ganhou esse ponto, porém com a volta da feira para as ruas do centro da cidade como era antes o ponto ficou inativo, pois fica num lugar isolado. Hoje a maioria das vendas é feita por intermédio da presidente que direciona para cada artesã de acordo com a encomenda: “Às vezes eu como presidente recebo encomendas aí repasso para as sócias que trabalham com aquele produto estamos vivendo mais assim.” (Artesã Presidente). Outro meio de comercialização é através das exposições em eventos, no qual os produtos podem ser vendidos na hora ou através de encomendas.

Uma das importâncias do artesanato na valorização da dignidade do homem é que por ser feito de forma manual traz características do próprio indivíduo e da cultura local, outra característica é que ele é visto como um trabalho que pode trazer benefícios à saúde. Quando perguntado sobre a importância do artesanato as respostas são diversas, mostrando que o artesanato não é apenas uma fonte renda, mas algo que traz outros benefícios para a vida delas, quadro 03.

**Quadro 3 - A importância do artesanato para as sócias da AMAM**

<b>Artesã</b>	<b>Respostas sobre a importância do artesanato</b>
Artesã 01	“Tem toda importância é quem me ajuda a enfrentar as dificuldades do dia a dia não só faz melhorar o financeiro, mas o psicológico também é uma das melhores terapias”.
Artesã 02	“É muito bom, é importante para mim, porque é uma ajuda na minha renda e além de tudo é uma coisa que relaxa minha mente me distrai, não é só pelo valor financeiro”.
Artesã 03	“O artesanato para mim é tudo é fonte de renda, é a cura do estresse, é uma terapia é tudo”.
Artesã 04	“O artesanato para mim é tudo desde que eu comecei a fazer. Eu lembro que a primeira colcha de crochê que eu fiz. O meu primeiro trabalho de crochê, que fiz de verdade com um material certo foi uma colcha de casal, foi o primeiro dinheiro que eu ganhei com minha produção. Isso eu nunca esqueço o primeiro dinheiro que você consegue através do seu trabalho de uma coisa que você gosta de fazer aquilo foi tudo pra mim. [...] E o artesanato para mim é terapia. [...] já dependi do artesanato pra comprar minhas coisas. Para não depender do marido que eu nunca gostei de depender de ninguém financeiramente. Então pra mim o artesanato representa tudo”.
Artesã 05	“O artesanato é tudo pra mim, primeiro Deus segundo o artesanato que me deixou mais alegre, mais mulher, deu força de vontade de viver”.
Artesã 06	“Ah pra mim é bom demais é uma terapia, quando você começa a fazer um artesanato você esquece-se do mundo, esquece-se das obrigações que tá fazendo é duas coisas que eu gosto muito artesanato e cuidar de planta”.

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

Conforme a presidente a associação tem contribuído para o desenvolvimento local tanto de forma econômica, como cultural e social. Na parte econômica houve a geração de trabalho e renda. Na parte cultural a associação faz pequenas exposições dos produtos produzidos por ela, essas exposições acontecem em datas comemorativas como no São João. Com isso ela busca desenvolver o interesse da comunidade pelo artesanato para que não se perca essa parte cultural do município, a exemplo da renda de bilro que era feita por gerações passadas e que se perdeu. Na parte social busca promover palestras para que todos possam melhorar o bem estar por meio da informação. Por exemplo, no dia 09 de outubro de 2016 aconteceu uma palestra de orientação sobre o câncer de mama, proporcionada pela associação e ministrada por uma psicóloga do Hospital da FAP – Fundação Assistencial da Paraíba, e por um grupo de pacientes que estão vencendo a doença, entre elas a presidente da AMAM.

As artesãs também expuseram suas opiniões sobre a importância da associação na vida delas, destacando o que mudou depois que ela foi criada, quadro 04. Entre as respostas percebe-se que aumentaram os meios de divulgação e comercialização que antes era um

problema para essas artesãs, pois havia poucos meios de divulgar as peças que elas produziam.

**Quadro 4 - As mudanças proporcionadas pela associação na visão das artesãs.**

Artesã	Mudanças proporcionadas pela associação
Artesã 01	“Ah mudou muita coisa, porque já melhorou bastante nossa vida, além de mais trabalho graças a Deus, no tempo da seca é o nosso meio de sobrevivência”.
Artesã 02	“Mudou muito, teve mais trabalho mais renda através das novas oportunidades de divulgar”.
Artesã 04	“Pra mim aumentou os trabalhos e mais responsabilidade. E a associação veio acrescentar mais um pouco porque através das exposições e eventos assim como as festas juninas em Montadas que a gente ia expor lá, a festa da mandioca em Puxinanã que fomos três anos, já fomos exposição lá no Parque do Povo, no Shopping SEBRAE, em João Pessoa, ai aumentou mais um pouco a divulgação”.
Artesã 05	“A força de vontade de viver, pra mim foi tudo de bom”.
Artesã 06	“Ah mudou muita coisa né, sempre tem um cursinho, informação, sempre tem umas palestras e vai mudando algumas coisas nas pessoas”.

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

As entrevistadas falaram também sobre o que ainda seria preciso melhorar na associação. E a maioria afirmou que seria preciso adquirir um novo lugar para comercializar os produtos, uma vez que o ponto que elas tinham ficou inativo. E conseguir uma sede própria para reuniões e produção, um lugar ao qual elas pudessem se sentir mais a vontade para desenvolver suas atividades, guardar materiais e receber os clientes. De acordo com as artesãs isso faria com que diminuísse o número de afastamentos e aumentaria as participações. Uma das sócias falou também sobre a necessidade de se terem mais cursos, pois estes diminuiriam em comparação com anos anteriores.

Por meio da observação foi percebido certo individualismo por parte das artesãs, este aspecto tornou-se evidente com as entrevistas. De acordo com a presidente as sócias têm um pensamento meio individualista o que não tem sido bom para a associação. Em alguns trechos da entrevista ela deixa evidente esse aspecto e faz um desabafo:

“[...] caso alguma faça um curso diferente, é algo que estamos tentando trabalhar, se é uma associação tem que passar umas para as outras gratuitamente, mais a maioria infelizmente é individualista repassa, mas só se pagar. É complicado muito complicado. Para receber todo mundo quer agora pra repassar o que sabe só se pagar” (Artesã presidente).

“[...] cada uma produz aqui individualmente se fosse uma associação que realmente o povo se engajasse se unisse para levar a frente tinha capacidade para muita coisa, porque como você viu os trabalhos que são feitos são de qualidade, mas o

individualismo impera, ai é isso que me dá desgosto e vontade de desistir” (Artesã presidente).

“[...] Egoísmo e individualismo, ai é onde está faltando em cada uma o espírito de associação, associação quer dizer juntar forças. Mais ai a questão é que a maioria quer usufruir em benefício próprio. Não pensa no conjunto sabe?” (Artesã presidente).

Uma das artesãs entrevistadas também fala sobre o individualismo que considerado por elas o fator que causa afastamento da maioria das sócias:

“No dia que diz vai ensinar algo novo todo mundo vem, ai depois se separa e ninguém vem mais, e se tiver alguma coisa que elas sabem fazer nem mostrar mostram. Entendeu? Nem mostrar, mostra, quer dizer é o tipo do egoísmo” (Artesã 03)

Ficou evidente também a falta de interesse das sócias para ocupar Cargos Superiores, esse aspecto confirmado na prática é previsto pela teoria, pois Singer (2002) afirma que “o maior inimigo da autogestão é o desinteresse dos sócios, sua recusa ao esforço adicional que a prática democrática exige”. A presidente faz menção a esse fato quando perguntado quais os outros cargos superiores que realmente são ocupados pelas sócias:

“Tem tesoureira que por sinal se encontra afastada, tem a vice-presidente que participa, tem a secretária que também está afastada. Eu tentei fazer uma nova eleição, quando completa os quatro anos tem que fazer, quando completaram os quatro anos de abertura da associação eu falei se alguém se lançava para fazer uma nova eleição. Ai por unanimidade decidi manter as mesmas pessoas foi como uma reeleição da direção da associação. Só que esse segundo prazo de validade já se venceu e tem que inovar, só porque a associação foi aberta com o número do meu CPF não quer dizer que eu sou dona dela é de todas as sócias, então tem que surgir alguém para me substituir, ai como essas outras pessoas se afastaram, só retornam se aparecer um curso ou alguma coisa diferente, ai as coisas tão tudo resumidas a mim de tesouraria, as partes de secretária, de presidência está tudo resumida a mim. Eu estou fazendo todas as funções” (Artesã Presidente).

De acordo com a presidente essa situação em que a associação se encontra hoje foi ocasionada pelo seu afastamento devido a problemas de saúde, aliado ao fato de não ter quem quisesse substitui-la no cargo:

“[...] Depois desse tempo que eu passei afastada quando estava na fase mais critica do meu tratamento, fiquei uns dois ou três anos afastada ai pronto parou totalmente deu uma parada total, teve um ano que convidaram o município para mandar representantes para uma exposição, um evento que teve lá no shopping SEBRAE em João Pessoa ai vem àquela questão todo mundo quer expor suas coisas, mas enfrentar para ir ninguém quer. Na época eu estava enfrentando esse problema de saúde, ainda estou enfrentando, estou em tratamento ainda. Ai pronto qualquer evento que tivesse em qualquer lugar que a gente fosse convidada eu era a primeira a

ir, eu era a da frente agora eu não posso mais me responsabilizar por isso. Tá mais na mão da outras sócias enfrentarem isso” (Artesã presidente).

Atualmente a presidente não participa da produção devido aos seus problemas de saúde, porém ela achou uma nova forma de não estar ausente. Além das atribuições de presidente ela faz o controle de qualidade dos produtos, que passam por suas mãos antes de chegar ao cliente. “Às vezes tá uma ponta de linha aparecendo ai eu vou e ajeito, porque sou muito exigente e quero qualidade. Se vai ser usado o nome da artesã da associação deve ser bem usado” (Artesã Presidente). Apesar de todas as adversidades e de estar assumindo a maioria das funções, por falta de pessoas que queiram assumir os cargos. A presidente afirma que enquanto houver oportunidades de prosseguir ela não vai decidir pela dissolução da associação:

“[...] enquanto eu tiver forças, enquanto eu ver que vale a pena, enquanto eu ver que tem alguém por quem vale a pena eu insistir não desisto. Por que se a gente desistir na primeira dificuldade que aparece a gente não consegue andar na vida e a gente só consegue as coisas com dificuldades” (Artesã Presidente).

A presidente revelou que está trabalhando para mudar a situação em que a associação se encontra. Segundo ela o primeiro passo será fazer a carteirinha do artesão para cada uma das sócias e depois cadastrar a associação na Secretária de Cultura do estado. Esses passos a serem dados são pré-requisitos para conseguir um ponto de venda para comercializar os produtos da AMAM na Vila do Artesão na cidade de Campina Grande – PB. Com isso ela também pretende unir novamente as sócias e fazer com que sejam mais participativas, pois ela acredita que um dos motivos do afastamento da maioria das sócias aconteceu depois que o ponto de venda da associação no mercado público em Montadas ficou inativo, diminuindo a saída dos produtos. Outro motivo seria o já mencionado individualismo.

**Capítulo 5**  
**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A economia solidária surgiu como uma nova alternativa para tentar preencher as lacunas deixadas pela economia e pelo Estado. Ela busca não apenas gerar emprego e renda, mas se preocupa com o desenvolvimento de um ambiente justo pensando na participação igualitária voltada para o coletivo. Alguns dos princípios mais importantes que norteiam os empreendimentos solidários são: cooperação, autogestão, ação econômica e solidariedade. Tomando esses princípios como base, este trabalho teve como objetivo analisar a atividade do artesanato como alternativa de renda entre as mulheres de uma associação no município de Montadas - PB sob a perspectiva da Economia Solidária.

A associação estudada é um empreendimento solidário formal e legalizado de acordo com a Lei nº 6.015/73 (Artigo 121), dessa forma a AMAM é registrada e regida por um Estatuto. De acordo com a dirigente do empreendimento 70% das regras desse Estatuto são cumpridas. Entre as coisas que não são cumpridas estão à falta de parcerias, e também a falta de ações mais rígidas com as sócias que se afastam da associação sem dá nenhuma explicação. Um ponto importante a ser feito seria tornar o Estatuto mais conhecido a fim de que os direitos e deveres sejam conhecidos e praticados.

A partir desse estudo tornou-se perceptível que este empreendimento solidário está desestruturado no que diz respeito ao norteamento dos princípios da economia solidária. Conforme as entrevistas realizadas a associação já apresentava dificuldades desde a sua abertura por falta de apoio da prefeitura e por não ter nenhuma parceria. No entanto ela tinha mais forças para procurar meios de contornar as dificuldades, pois era totalmente norteada pelos quatro princípios apresentados pela SENAES, (2015): autogestão, ação econômica, solidariedade, e cooperação.

Atualmente os princípios da economia solidária que estão mais destacados na associação são a ação econômica, pois existe uma produção e comercialização de produtos, embora que enfraquecida por motivos descritos nesta pesquisa. A autogestão que também enfrenta dificuldades, pois a diretoria executiva é a mesma desde a fundação, porém agora com cargos em vacância. E também porque a presidente há alguns anos enfrenta problemas de saúde que a impede de participar de algumas atividades, e como descrito nas entrevistas não há ninguém que queira substituí-la. Este aspecto está de acordo com a teoria quando Singer

(2002) afirma que a autogestão tem por inimigo o desinteresse dos sócios em ocupar cargos superiores devido ao esforço adicional que a prática exige.

A cooperação de acordo com os objetivos da economia solidária deveria ser o princípio mais praticado, pois esta economia preza pelo desenvolvimento coletivo. De acordo com os autores que estudam essa economia seria melhor para os participantes cooperar ao invés de competir e juntar forças para alcançar um objetivo comum. No entanto na AMAM esta cooperação acontece apenas entre um pequeno grupo que tenta levar a associação à frente. Ficou evidente nesta pesquisa que acontece um individualismo por parte da maioria das sócias que procuram a AMAM apenas com algum interesse próprio gerando uma competição interna o que é contrário ao que é proposto pela economia solidária. Chama-se a atenção o fato de que a dirigente da associação indica que grande parte das artesãs só aparece quando tem algum evento para exposição dos produtos, apresentando desculpas para não participar das atividades rotineiras da entidade.

Quanto à solidariedade a teoria afirma que esta só pode se realizar se houver uma igualdade entre os que fazem parte do empreendimento. Na AMAM está sendo difícil manter a igualdade devido à resistência que há nas sócias em querer aprender outras técnicas artesanais, dessa forma como os pedidos são direcionados para a sócia que saiba fazer determinada técnica artesanal acaba acontecendo certa desigualdade na saída dos produtos.

Apesar das limitações encontradas esse empreendimento causou impactos positivos na vida dessas mulheres, como autonomia na produção e comercialização, inclusão no mercado de trabalho, geração de renda conquistando certa liberdade financeira e melhora da autoestima.

É tido como uma limitação da pesquisa o fato de não conseguir entrevistar as sócias que se encontram afastadas para assim poder confrontar as respostas e identificar o real motivo do seu afastamento. Como sugestão para novos estudos seria interessante fazer pesquisas em outras associações e cooperativas para identificar até que ponto a economia solidária influencia no funcionamento delas e depois cruzar os resultados.



## REFERÊNCIAS

CAEIRO, Joaquim Manuel Croca. Economia Social: conceitos, fundamentos e tipologia. **Revista Katál**, Florianópolis, v.11 n.1 p.61-72 jan/jun. 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/5234>>. Acesso em: 07 nov. 2016.

DANTAS, Leiliam Cruz; GUIMARAES, Luiz Eduardo Cid; PEREIRA, ALMEIDA, Juliana Donato de. **Produção Artesanal Design participativo e economia solidária: a experiência do grupo mulheres da terra, Pilões-PB**. In: XXIX ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO. A Engenharia de Produção e o Desenvolvimento Sustentável: Integrando Tecnologia e Gestão. Salvador, BA, Brasil, ABREPO, 06 a 09 de outubro de 2009. Disponível em:<[http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2009\\_TN\\_STO\\_095\\_646\\_12697.pdf](http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2009_TN_STO_095_646_12697.pdf)>. Acesso em: 28 fev. 2017.

GAIGER. Luiz Inácio. A economia solidária e a revitalização do paradigma cooperativo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Brasil, Vol. 28 nº 82 junho/2013(a). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v28n82/v28n82a13.pdf>> Acesso em: 26 jan. 2017.

GAIGER. Luiz Inácio. **O Mapeamento Nacional e o conhecimento da Economia Solidária**. 2013 (b). Disponível em: <<http://sies.ecosol.org.br/images/resultado/abetgaiger.pdf>> Acesso em: 25 fev. 2017.

GERHARTT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (Org.) **Métodos de Pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo curso de graduação tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 2009.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**. 2016. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=250950>>. Acesso em: 09 fev. 2017.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Sala de Imprensa**. 2017. Disponível em: <<http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias.html?view=noticia&id=1&idnoticia=3380&busca=1&t=pnad-continua-taxa-desocupacao-12-6-trimestre-encerrado-janeiro-2017>>. Acesso em: 01 mar 2017.

KELLER, Paulo Fernandes. **Trabalho artesanal e cooperado: realidades, mudanças e desafios**. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v.14, n.1, p.29-40, jan/jun. 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/15646/9882>>. Acesso em: 25 fev. 2017.

LEMOS, Maria Edny Silva. **Artesanato como alternativa de trabalho e renda**. Fortaleza, CE, 2011. Disponível em: <<http://www.mapp.ufc.br/images/disserta%C3%B5es/2011/MARIA-EDNY-SILVA-LEMOS.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

LIMA, Margarida Maria Feliciano de. **Projeto de economia solidária no BNB**: subsídios para avaliar a aplicação do Fundo de Desenvolvimento Regional (FDR). Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2010.

OBESP - Observatório da Economia Social em Portugal. **A economia social**: conceito proposto pelo OBESP. Portugal, 2011. Disponível em: <<http://www.cases.pt/observatorio-da-es/>>. Acesso em: 07 nov. 2016.

Prefeitura de montadas. **Fotos**. Disponível em: <http://montadas.pb.gov.br/noticias/acidade.htm>. Acesso em: 17 fev. 2017.

Secretária Especial da Micro e Pequena Empresa. **Programa do Artesanato Brasileiro**. 1. Portaria nº 29 – SCS, de 05 de outubro de 2010, Seção I, Páginas: 100, 101, 102. Disponível em: <http://www.smpe.gov.br/assuntos/programa-de-artesanato-brasileiro-1>. Acesso em: 23 fev 2017.

Secretária Especial da Micro e Pequena Empresa. **Programa do Artesanato Brasileiro**. 1. Portaria nº 08 – SCS, de 15 de março de 2012, Seção I, Páginas: 191, 192, 193. Disponível em: <http://www.smpe.gov.br/assuntos/programa-de-artesanato-brasileiro-1>. Acesso em: 03 mar 2017.

Secretária Nacional de Economia Solidária – Ministério do Trabalho e Emprego. **Economia Solidária**. Agosto 2015. Disponível em: <<http://trabalho.gov.br/trabalhador-economia-solidaria>>. Acesso em: 30 jan 2017.

SILVA, Maria Ozanira da Silva e; YAZBEK, Maria Carmelita. (Orgs.). **Políticas públicas de trabalho e renda no Brasil contemporâneo**. Cap. 4 – 2º ed. – São Paulo: Cortez; São Luís, MA: FAPEMA, 2008. p. 52-72.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária** – 1º ed. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração** – 12. ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

## **ANEXO 1**

### **Roteiro de entrevista individual com cada artesã**

1. Qual sua idade?
2. Qual sua profissão?
3. Qual seu grau de escolaridade?
4. Há quanto tempo faz artesanato?
5. Aprendeu com quem? Teve alguma influência de alguém da família?
6. Quando e como surgiu o interesse pelo artesanato?
7. Qual a importância do artesanato em sua vida?
8. Há quanto tempo é associado na AMAM?
9. Qual a importância da associação no seu trabalho artesanal?
10. O que mudou depois que a associação foi criada?
11. Você vê o artesanato como uma fonte de renda?
12. Faz que tipo de artesanato?
13. Você consegue imaginar sua vida de o artesanato?
14. Qual sua contribuição para a associação?
15. O que acha que poderia mudar na associação? E o que você poderia fazer para que isso acontecesse?

## **ANEXO 2**

### **Roteiro de entrevista com a presidente**

1. Como surgiu a ideia de criar a AMAM?
2. Qual a contribuição da AMAM na comunidade e na vida das associadas?
3. Quais os cursos que são oferecidos? Com que frequência acontecem?
4. Onde a AMAM vende seus produtos?
5. Como é a participação das associadas na AMAM?
6. Qual a contribuição da AMAM na economia local?
7. Qual a contribuição da AMAM no desenvolvimento local (econômico, social, cultural)?
8. Quais as dificuldades enfrentadas no começo e as dificuldades enfrentadas hoje?
9. Como foi feita a escolha para presidente?
10. Na reunião passada foi falada sobre a secretária da cultura que tem certo descaso com associação. Isso acontece desde a outra gestão política ou começou a partir dessa?
11. Qual a possibilidade de vocês colocarem seus produtos lá na vila do artesão? O que é preciso fazer para que isso aconteça?
12. Em relação às mensalidades quais as taxas que cada sócia paga?
13. Quais os cargos exercidos pelas sócias?